

## INTERAÇÕES AMOROSAS SOB UMA PERSPECTIVA COMPORTAMENTAL<sup>1</sup>

HÉLIO JOSÉ GUILHARDI

INSTITUTO DE TERAPIA POR CONTINGÊNCIAS DE REFORÇAMENTO  
CAMPINAS – SP

Amor não é *um* sentimento, mas sim uma integração, nem sempre harmoniosa, de vários sentimentos. Sendo o Amor uma mistura de sentimentos, é impossível defini-lo. As pessoas chamam de amor muitas coisas que sentem, por não saberem identificar como são produzidas. Sentimentos outros, produzidos por solidão, perda, disputa fracassada, abandono, traição, ambição etc., que deveriam ser nomeados por termos mais apropriados, tais como medo, rejeição, frustração, inveja, ciúmes, raiva, vingança, desamparo etc., são confundidos com amor. Tudo o que a pessoa sente é real; porém, o nome que atribui ao que sente é *arbitrário* e, muitas vezes, equivocado. A pessoa chama aquilo que sente de amor; não é, porém, amor tudo o que ela sente. O amor não se encontra pronto dentro de nós. A potencialidade e a capacidade para vir a amar sim. É ingênuo supor que saber amar é intrínseco ao ser humano, e pensar assim reduz as relações de amor ao seu nível mais primitivo. A capacidade para amar e para desenvolver relações de amor esta sim é propriedade do ser humano. Mas ter potencial não é o mesmo que desenvolver e atualizar tal potencial. O amor é uma construção socioverbal; como tal não é o mesmo em diferentes culturas e nem foi o mesmo no desenvolvimento cultural das sociedades. Ele começa no berço e se transforma até o túmulo. O amor pode se estender por dimensões que tendem ao infinito ou estiolar e se manter murcho por toda uma vida. Seu início é de fora para dentro; depois pode se expandir de dentro para fora qual um cogumelo atômico. Reconhecer que o repertório de amar – que inclui atos e sentimentos unidos de forma inseparável – é aprendido não empalidece seu valor e profundidade. Tal reconhecimento o eleva ao status de uma extraordinária aquisição humana. Quando afirmamos que amamos uma pessoa, queremos dizer que amamos os comportamentos dela. O amor é o resultado de vários processos comportamentais que se influenciam reciprocamente. Vamos falar brevemente de alguns deles!<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> Setembro/2015; revisto em dezembro/2015; revisto em março/2017

<sup>2</sup> Para ter acesso a uma apresentação mais abrangente dos quatros itens que se seguem, leia o texto: *Autoestima, autoconfiança e responsabilidade*, disponível no site [www.itcrcampinas.com.br](http://www.itcrcampinas.com.br).

## Alguns pré-requisitos para aprender a amar...

### I. Sentimentos e Comportamentos

1. **Sentimentos e Comportamentos<sup>3</sup> de Autoestima.** São produzidos essencialmente pela interação entre duas classes de contingências de reforçamento:

C → Sr+ de natureza sócio-afetiva e social<sup>4</sup>

Neste paradigma, os reforços sócio-afetivo e social são *produzidos* por comportamentos.

? → Sr+ de natureza sócio-afetiva e social

Neste paradigma, os reforços sócio-afetivo e social são *apresentados* independentemente de relações de contingências de reforçamento entre comportamentos e consequências (reforço livre).

As consequências reforçadoras positivas dos comportamentos têm que ser de natureza socioverbal. Falando de modo conceitual, uma pessoa que se desenvolvesse isoladamente de um grupo socioverbal não desenvolveria autoestima!

É fundamental a existência de ambas as contingências de reforçamento indicadas nos dois paradigmas acima para o desenvolvimento funcional de comportamentos e sentimentos de autoestima.

Assim, a prevalência exclusiva do primeiro grupo de contingências, aquelas que se definem por reforçamento contingente, não produz autoestima. Quem tem acesso a privilégios essencialmente produzidos por comportamentos desejados pelo agente do controle, “paga” (emitindo tais comportamentos) antecipadamente pelos privilégios que obtém. Pode, na melhor das hipóteses, desenvolver autoconfiança. Consegue ser competente, mas se mantém afetivamente carente de autoestima.

A prevalência exclusiva do segundo grupo de contingências, aquelas que se definem por reforçamento não contingente, tampouco produz autoestima. Quem tem acesso a

---

<sup>3</sup> Mantemos a distinção entre os dois termos; no entanto, sentimentos e comportamentos não se distinguem quanto à sua natureza. São todos eles manifestações do organismo, evocados e eliciados por contingências de reforçamento e regidos pelas mesmas leis. Talvez um dia venham a ser nomeados por um único termo, um neologismo, tal como *comportimento*!

<sup>4</sup> Ver a distinção entre *Atenção Socioafetiva* e *Atenção Social* no Apêndice.

privilégios sem se comportar para produzi-los não aprende a se amar, nem a amar o próximo, nem mesmo a amar o que a vida lhe proporciona. Mantém-se basicamente como um organismo que sobrevive; não se transforma significativamente em uma pessoa que se desenvolve.

2. **Sentimentos e Comportamentos de Autoconfiança.** São produzidos essencialmente pela *interação* entre duas classes de contingências de reforçamento: a primeira positiva e a segunda aversiva.

C → Sr+ de natureza social  
(socioafetiva ou simplesmente social)

C → Sr+ natural<sup>5</sup> não social

Nos dois paradigmas acima, os reforços socioafetivo, social e natural são *produzidos* por comportamentos.

Ter não basta; é preciso se comportar para produzir o que se tem. Burlar a relação operante gera sentimentos de vazio existencial, depressão, sensação de insaciabilidade, fobias, isolamento, desdém pela vida, indiferença às pessoas, insegurança, dependência etc.

---

<sup>5</sup> Chamamos de consequência natural aquela que é produzida diretamente pelo comportamento, sem mediação de outro ser humano que possa apresentar uma consequência arbitrária. Assim, ao mover uma maçaneta da porta, o próprio comportamento produz como consequência “porta aberta e acesso a outro ambiente” (consequência natural). Alguém dizer para uma criança, contingente ao comportamento de mover a maçaneta: “Que lindinha! Você já alcança a maçaneta e sabe abrir a porta!”, é uma consequência social arbitrária. É possível uma consequência social ser natural. Assim, por exemplo, numa sala de aula um aluno faz um comentário, considerado pela instituição escolar como indesejado, mas a professora não consegue se conter e ri da frase espirituosa do aluno. O riso produzido pelo comentário é uma consequência social reforçadora positiva natural (reforço generalizado). Por outro lado, se a professora se controlasse, não risse e dissesse: “Seu engraçadinho, aqui não é lugar para brincadeiras... Vá se explicar com a orientadora!”, ela estaria apresentando uma consequência social arbitrária contingente à frase do aluno, supostamente aversiva (mesmo que o comentário da professora tivesse função reforçadora positiva para o aluno, ele seria uma consequência arbitrária). Numa interação social arbitrária, o agente de controle determina qual comportamento é desejado ou indesejado (segundo critérios “arbitrários” dele) e apresenta uma consequência contingente, quer reforçadora positiva, quer aversiva, segundo critérios (ainda arbitrários) dele próprio.

C → Sav de natureza social  
(crítica, desprezo, suspensão de privilégios etc.)

C → Sav natural  
(amenizar os danos de uma queda, safar-se de um acidente etc.)

Nos dois paradigmas acima, os reforços negativos<sup>6</sup> são evitados, minimizados ou removidos, a partir da emissão de comportamentos de fuga-esquiva.

A vida não expõe a pessoa apenas à possibilidade de produzir reforço positivo, mas também à necessidade de se esquivar ou fugir de eventos aversivos que se apresentam como eventos aleatórios ou como consequências produzidas por comportamentos: indesejados por algum agente de controle (pai severo, por ex.) ou desastrosos (manejar de forma descuidada uma panela com água fervente, dirigir em velocidade excessiva, por ex.). A pessoa que não possui repertório de comportamentos de fuga-esquiva, em condições adversas que lhe são impostas socialmente, são descritas como fóbicas, inseguras, medrosas, submissas etc. e tornam-se marionetes ou dependentes do outro. Podem ser vistas, por outro lado, como humildes, tolerantes, generosas, cooperativas etc. O que distingue o primeiro grupo do segundo são os sentimentos que vivenciam. As primeiras são basicamente pessoas infelizes; as segundas vivem em paz com o seu modo de interagir com o outro. As pessoas que se comportam de forma a produzir consequências aversivas para si mesmas são descritas como imprudentes, impulsivas, desprovidas de autocontrole, delinquentes, inconsequentes e podem representar perigo ou ameaça para o outro. Ou, por outro lado, podem ser descritas como ousadas, destemidas, aventureiras etc. Neste segundo grupo estão aquelas que, de modo geral, possuem bom repertório comportamental de fuga-esquiva do desastre e, como tal, se expõem a riscos calculados para si e para os demais... Numa frase: autoconfiança supõe sentimentos e comportamentos associados a produzir reforços positivos e a evitar reforços negativos.

Pode-se concluir que autoconfiança é produzida por repertório comportamental, que produz consequências reforçadoras positivas ou que protege a pessoa de consequências reforçadoras negativas (aversivas, portanto). As consequências reforçadoras (positivas e

---

<sup>6</sup> Reforço negativo é um termo tecnicamente mais correto do que evento aversivo. São, porém, usados indiscriminadamente.

negativas) não têm que ser de natureza socioverbal. Assim sendo, ainda de um ponto de vista conceitual, uma pessoa que sobrevivesse isoladamente de um grupo socioverbal poderia ter autoconfiança (tão somente não teria consciência disso).

3. **Sentimentos e Comportamentos de Responsabilidade.** São produzidos essencialmente pela *interação* dentre duas classes de contingências de reforçamento:

C desejado → Sr+ natural, socioafetivo e social  
C indesejado → Sav natural, socioafetivo e social

Os dois paradigmas acima demonstram que comportamentos e sentimentos de responsabilidade podem ser instalados e mantidos por contingências de reforçamento positivas e coercitivas<sup>7</sup>.

Uma pessoa responsável apresenta comportamentos de tomar iniciativa; realiza as tarefas que lhe cabem até completá-las, no mínimo, de forma satisfatória, sem necessidade de supervisão contínua e com ajuda apenas indispensável; possui repertório de autocontrole (comporta-se sob controle de consequências reforçadoras positivas a longo prazo, independente de os comportamentos a curto prazo produzirem consequências imediatas aversivas); podem desenvolver padrões comportamentais compulsivos e estereotipados (comportamentos indesejados para quem se comporta; quase sempre desejados por aqueles que se beneficiam com os produtos de tais classes comportamentais); produzem, basicamente, assim se comportando, sentimentos de alívio (mantidos por reforçamento negativo) e raramente sentimentos de satisfação (mantidos por reforçamento positivo). Estão continuamente em estado de ansiedade e podem vir a desenvolver fobias e até mesmo padrões comportamentais e emocionais de pânico. Em geral, são pessoas sensíveis aos malefícios que seus comportamentos podem produzir no outro e se esquivam de se comportar sob controle do que lhes causa satisfação e bem-estar, se há o risco de sofrer críticas, advertências ou até mesmo decepção naqueles que a cercam.

---

<sup>7</sup> Para entender como a comunidade socioverbal pode instalar comportamentos e sentimentos de responsabilidade através de manejo de práticas reforçadoras positivas, veja o texto *Responsabilidade sob controle de Reforçamento Positivo* disponível no site [www.itrcampinas.com.br](http://www.itrcampinas.com.br). A prática social tem privilegiado a alternativa aversiva, infelizmente.

4. **Sentimentos e Comportamentos de Tolerância à Frustração.** São produzidos essencialmente pela *interação* entre as seguintes classes de contingências de reforçamento:

- C → atraso do Sr+
- C → Sav moderado (às vezes, intenso)
- C → Sr+ intermitente
- C ↗ Sr+ (extinção)

Os paradigmas acima mostram que comportamentos e sentimentos de tolerância à frustração<sup>8</sup> não podem ser desenvolvidos sem expor a pessoa a condições aversivas.

Cabem, porém, alguns comentários. A condição aversiva, se inevitável, deve ser:

1. introduzida com intensidade mínima e, se for preciso intensificá-la, que se aumente apenas o necessário para produzir resultados funcionais
2. restrita ao mínimo necessário
3. eventual
4. utilizada para *benefício da pessoa* e não para ganhos do agente do controle
5. contingente também a comportamento definido como desejável<sup>9</sup>

O treino de tolerância à frustração deve ser entendido como uma condição necessária, desde que seja equilibrada e manejada por pessoas que amam e querem benefícios para aquele que é exposto a condições de frustrações, visando ao preparo deste para a vida. A vida social é fonte de condições adversas: injustiças, violências, traições, abandonos, privações de oportunidades etc.; a Vida também é fonte de infortúnios: morte de pessoas queridas, acidentes, catástrofes da natureza, doenças incuráveis, fenótipos genéticos aversivos etc. (não necessariamente produzidos por comportamentos, nem passíveis de serem evitados por eles) e há necessidade de um preparo mínimo para tais eventualidades. É melhor que esse preparo ocorra em um ambiente de amor, sem excessos e com conhecimento das leis que regem os comportamentos humanos. *A preparação para tolerar*

---

<sup>8</sup> Atualmente tem-se usado o termo resiliência.

<sup>9</sup> Pode parecer estranho... Punir um comportamento desejável configura uma condição de injustiça. Ser injustiçado é uma fonte importante (muito mais comum do que se pensa) de frustração no cotidiano. Seria importante preparar as pessoas para tal situação.

*frustrações deve incluir reforços socioafetivos contingentes aos progressos apresentados pelas pessoas diante das frustrações e dores provindas das adversidades.*

As quatro classes de comportamentos e sentimentos apresentadas devem ser entendidas como pré-requisitos para amar, pois os déficits ou excessos delas geram conflitos nas interações interpessoais mutilando a plena expressão de comportamentos e sentimentos de amor. Assim, por exemplo, uma pessoa com baixa autoestima tenderá a se relacionar de forma submissa e dependente; uma pessoa com baixa tolerância à frustração tenderá a ser exigente com o outro, reivindicando receber atenção e privilégios, por um lado, e negligenciando, por outro, o respeito às diferenças e particularidades comportamentais do parceiro, avaliadas e rotuladas como “defeitos” a serem modificados, de acordo com critérios arbitrários impostos pelo intolerante. Em suma, sem mais detalhes, uma relação de amor se estabelece e se consolida quando há equilíbrio (não igualdade) entre os repertórios comportamentais e de sentimentos das pessoas envolvidas. Excessos e déficits produzem relações de opressão e de submissão, ambos incompatíveis com relações de amor construtivo e harmonioso.

## **II. Padrão Comportamental Sensorial**

*Sensorial* é aquela pessoa que fica sob controle das conseqüências gratificantes reforçadoras positivas imediatas que seus comportamentos produzem para si mesma, indiferente ao que tais comportamentos produzem no outro; não fica sob controle das conseqüências aversivas a médio-longo prazo nem para si, nem para o outro. A pessoa com padrões de comportamentos e sentimentos sensoriais se comporta tipicamente sob controle de regras tais como: “É bom para mim agora; não me importa que seja ruim no futuro...”; “Se é ruim agora, não me interessa se será bom no futuro...”; “Se é bom para mim; que se dane o outro...” Prevaecem as contingências de reforçamento de primeiro e segundo níveis de seleção, em detrimento daquelas de terceiro nível. Tais pessoas são tidas como egoístas, impulsivas, com baixa tolerância à frustração, eventualmente frias, calculistas etc. O padrão sensorial não tem a ver com traços de personalidade. É determinado pela história de contingências de reforçamento da pessoa.

## **III. Padrão Comportamental Sensível**

Sensível é aquela pessoa que fica sob controle das conseqüências aversivas ou positivas produzidas por seus comportamentos a curto e a médio-longo prazo para si e para o outro. De um modo geral, seus comportamentos são governados, predominantemente, por regras, tais como: “É bom para mim, mas não é bom para o outro, logo não faço”; “É ruim para mim agora, mas será bom no futuro, logo faço”; “É bom para mim, mas não é bom para o outro, logo não faço”; “É bom para mim e é bom para o outro, logo faço”. Tenha-se claro, porém, que nem

sempre as regras, dadas como exemplos, podem ou devem ser aplicadas, pois diferentes contextos podem alterar as funções a elas atribuídas.

Há dois pontos fundamentais que caracterizam a pessoa sensível. Em primeiro lugar um amplo e persistente repertório de comportamentos de autocontrole, que lhe permite adiar consequências reforçadoras positivas disponíveis no momento, se lhe trarão prejuízos no futuro, assim como suportar consequências aversivas presentes, se isso lhe trará benefícios a médio-longo prazo. Em segundo lugar, a sensibilidade e o respeito ao outro, que são identificados pelo compromisso com a dupla função das consequências dos comportamentos que emite: elas devem ser – dentro do possível – reforçadoras para si e para o outro e minimamente aversivas para si e para o outro.

A preocupação com o outro não significa *submissão incondicional ao outro*, mas respeito àqueles que o cercam e à coletividade, com ganhos para todos a médio-longo prazo. A pessoa sensível fica sob controle das consequências positivas e aversivas que seus comportamentos produzem nos outros (prioriza a produção de reforços positivos para o outro e evita expor o outro a eventos aversivos). Prevaecem as contingências de reforçamento de terceiro nível de seleção. Tais pessoas são tidas como acolhedoras, amorosas, tranquilas, tolerantes diante das dificuldades da vida, altruístas etc. A pessoa sensível generaliza sua dor para a dor do outro; generaliza o que lhe faz bem para o que faz bem para o outro. O outro é uma extensão dela própria e merece o mesmo respeito e consideração que ela espera receber.

#### **IV. Maturidade Pessoal: Alguns Comentários**

É comum dizer que uma pessoa é madura ou imatura, como se tais adjetivos pudessem auxiliar a explicar os comportamentos das pessoas! Maturidade não é causa; é causada. Tais termos são, na melhor das alternativas, metáforas. Pobres metáforas, que pouco ajudam no dia a dia do consultório ou para melhor compreensão do ser humano. Como estendê-las para uma linguagem comportamental?

Uma pessoa madura é aquela que apresenta um repertório comportamental suficiente para – em determinadas situações – produzir reforços positivos para si mesma, ou minimizar, evitar ou pospor reforços negativos. Se a situação não permitir o acesso a reforços positivos, a pessoa se mantém emitindo comportamentos em função de reforços positivos atrasados, sem sofrer interrupção comportamental; ou substitui o reforço positivo-alvo (o mais desejado) por outros reforços positivos disponíveis; ou mantém os comportamentos produzindo reforços positivos condicionados intermediários. De modo análogo, se não for possível remover, adiar ou amenizar os eventos aversivos, aprende que com eles se deve conviver, sem desistir jamais de buscar comportamentos alternativos – ampliando a variabilidade comportamental –, até que alguma resposta seja selecionada por reforçamento negativo. A pessoa madura é capaz, adicionalmente, de reavaliar o valor e a importância do reforço positivo, assim como do reforço



negativo, e se ajustar ao resultado de tal reavaliação, pois a caracterização de eventos como reforçadores positivos ou negativos não é absoluta, não é indiscutível, não é imutável e, quase sempre (exceto aqueles que têm função própria da espécie – primeiro nível de seleção de Skinner), são produtos de histórias de contingências de reforçamento! Como tal, podem ser alterados. Nas condições de impotência apontadas, espera-se da pessoa madura tolerância funcional à frustração, ou seja, as reações emocionais e os sentimentos produzidos pelas contingências de reforçamento adversas devem ser de intensidade amena, tal que não cheguem a interferir com o fluxo de comportamentos. Acrescente-se que a pessoa madura é capaz de apresentar variabilidade comportamental que a torna mais sensível aos reforços (positivos e negativos) disponíveis no ambiente e se comporta mais sob controle das condições presentes, do que sob governo de regras ou crenças previamente enunciadas e adotadas. Finalmente, a pessoa madura – se estiver numa situação social – respeita os limites dos demais, não produzindo eventos aversivos para o outro, nem lhe subtraindo reforços positivos, e, se tiver que fazê-lo, por razões justificáveis, as contingências coercitivas e positivas que vier a utilizar devem ser amenas e as consequências devem ser contingentes a comportamentos – não à pessoa – e, sob nenhuma condição, ela deve priorizar a si mesma, de modo a se safar de condições aversivas ou se beneficiar do acesso a reforços positivos à custa do outro. Equivale a afirmar que o sucesso comportamental não deve ser uma empreitada individual, mas deve envolver o bem do grupo próximo e, se possível, mais abrangente. Não se pode adjetivar como madura uma pessoa que não se comporta sob controle do terceiro nível de seleção (definido por Skinner).

Apresentado da maneira exposta, o conceito de maturidade permite duas correções oportunas. Em primeiro lugar, não é um traço de personalidade, nem estático, nem estrutural, que pertence à pessoa (e faz dela um ser humano maduro) ou que não lhe é intrínseco (e faz dela uma pessoa imatura). Em segundo lugar, maturidade não se desenvolve exclusivamente com a passagem do tempo (é com este sentido que maturidade advém da ideia de amadurecer: o que ocorre, por exemplo, com uma fruta com a passagem do tempo!). A maturidade envolve uma gama abrangente e complexa de comportamentos que podem e precisam ser instalados e mantidos. É produto de complexa intervenção ativa da comunidade verbal à qual a pessoa pertence e na qual – durante o processo terapêutico – o terapeuta está inserido. É, complementarmente, fruto de elaborado repertório de comportamentos de autocontrole. Não se encontra pronta uma pessoa madura; constrói-se uma pessoa madura! Não é melhor que seja assim?

A leitura da poesia que se segue pode ser oportuna:

(Rudyard Kipling - tradução de Guilherme de Almeida)

Se és capaz de manter tua calma, quando,  
todo mundo ao redor já a perdeu e te culpa.  
De crer em ti quando estão todos duvidando,  
e para esses no entanto achar uma desculpa.

Se és capaz de esperar sem te desesperares,  
ou, enganado, não mentir ao mentiroso,  
Ou, sendo odiado, sempre ao ódio te esquivares,  
e não parecer bom demais, nem pretensioso.

Se és capaz de pensar – sem que a isso só te atires,  
de sonhar – sem fazer dos sonhos teus senhores.  
Se, encontrando a Desgraça e o Triunfo, conseguires,  
tratar da mesma forma a esses dois impostores.

Se és capaz de sofrer a dor de ver mudadas,  
em armadilhas as verdades que disseste  
E as coisas por que deste a vida estraçalhadas,  
e refazê-las com o bem pouco que te reste.

Se és capaz de arriscar numa única parada,  
tudo quanto ganhaste em toda a tua vida.  
E perder e, ao perder, sem nunca dizer nada,  
resignado, tornar ao ponto de partida.

De forçar coração, nervos, músculos, tudo,  
a dar seja o que for que neles ainda existe.  
E a persistir assim quando, exausto, contudo,  
resta a vontade em ti, que ainda te ordena: Persiste!

Se és capaz de, entre a plebe, não te corromperes,  
e, entre Reis, não perder a naturalidade.  
E de amigos, quer bons, quer maus, te defenderes,  
se a todos podes ser de alguma utilidade.

Se és capaz de dar, segundo por segundo,  
ao minuto fatal todo valor e brilho.  
Tua é a Terra com tudo o que existe no mundo,  
e – o que ainda é muito mais – és um Homem, meu filho!

Kipling descreve de forma tocante o **produto** de contingências de reforçamento. A nós compete expor quais são as contingências de reforçamento que produzem tal ser humano.

## V. O Mito do Diálogo

Todas as relações interpessoais se modulam por influências recíprocas de controle e contracontrole. Uma relação de amor harmônica não escapa a esta condição, mas se define por um *equilíbrio* entre os exercícios de controle e contracontrole. Assim, só existe diálogo quando há, entre os interlocutores, uma interação equilibrada entre controle e contracontrole. Se não houver equilíbrio, haverá opressão, submissão ou indiferença. Se houver equilíbrio haverá respeito, compreensão, discordância em alguns pontos, no entanto sem ressentimentos; concordâncias em outros, porém sem opressão, nem submissão.

Afinal, agora é possível definir amor a partir de comportamentos de amar...

### **AMOR ENVOLVE COMPORTAMENTOS E SENTIMENTOS DOS TRÊS NÍVEIS DE SELEÇÃO PROPOSTOS POR SKINNER<sup>10</sup>**

1. **Nível Filogenético:** envolve comportamentos e sentimentos selecionados que são próprios da espécie:

a. Os organismos intactos de uma dada espécie os apresentam, sem necessidade de uma história de aprendizagem, ou tais organismos têm uma potencialidade genética de expressá-los durante seu desenvolvimento biológico:

- sugar o seio materno desde a primeira ocorrência
- emitir sons
- acolher afago físico
- imitar
- erotismo a partir do desenvolvimento hormonal ou a partir da estimulação de áreas sensíveis (erógenas)
- comportamentos reflexos incondicionais

b. Os organismos intactos de uma dada espécie estão aptos a responder a eventos ambientais com função reforçadora positiva ou reforçadora negativa (aversiva) sem necessidade de aprendizagem prévia:

- calor ameno (SR+)

---

<sup>10</sup> Skinner, B. F. (1989, 1990). Can Psychology Be a Science of Mind? In B. F. Skinner (1999) *Cumulative Record*. Definitive Edition. Acton, Mass.: Copley Publishing Group (p. 664).

- calor intenso (SR-)
- toque físico suave (SR+)
- voz amena (SR+)
- frio (SR-)
- barulho súbito e intenso (SR-)
- objeto pontiagudo ou cortante (SR-)

Os gregos denominavam o nível do amor regido pelo primeiro nível de seleção de *Eros*<sup>11</sup>. Quando a interação é regida essencialmente por *Eros*, um *corpo* deseja outro *corpo*; a isso se resume o Amor neste nível. Pode-se concluir que o Amor inclui componentes eróticos, presentes como produtos da história da espécie. Se numa relação de Amor entre pessoas houver erotismo, fala-se em *Paixão*, uma forma de amor (se assim a podemos denominar) em que prevalecem componentes eróticos. (Assim, pode-se dizer que existe paixão – atração e desejos eróticos – à primeira vista, já que a interação depende, essencialmente, de dados sensoriais visuais, táteis, auditivos, gustativos, olfativos etc., dispensando dados fornecidos pela sensibilidade, aos quais só se tem acesso pela convivência). Se numa relação de Amor entre pessoas, por outro lado, não houver erotismo, mas o corpo do outro lhe faz bem (é o caso do contato físico entre a mãe e o bebê, por exemplo), fala-se em aconchego, proteção, consolo, conforto, acolhimento etc. todos termos que devem ser adjetivados pela palavra “corporal” ou “físico” (por ex., conforto físico), não psicológico, nem emocional, pois estes últimos são termos metafóricos e para adquirirem tal sentido há necessidade do funcionamento dos processos presentes no segundo nível de seleção. Quando se restringe ao primeiro nível de seleção, o que se chama de Beleza<sup>12</sup> (de alguém) é um dos produtos do erotismo. É Belo aquilo que se deseja!

2. **Nível ontogenético:** envolve comportamentos e sentimentos que são selecionados no processo diferenciado de desenvolvimento de cada indivíduo: assim o indivíduo torna-se uma pessoa, na qual o organismo, como *locus* dos comportamentos, e os repertórios de comportamento se aglutinam como um todo indissociável. Não existem duas pessoas idênticas. O processo de tal desenvolvimento pode ser chamado de *história de contingências de reforçamento* (que é diferente de história de vida):

---

<sup>11</sup> A relação de estágios do amor deste artigo se baseia no artigo Skinner, B. F. (1989, 1991). *Questões Recentes na Análise Comportamental*. Campinas: Ed. Papirus. Cap. 1, pp. 13-24.

<sup>12</sup> Uso o termo Beleza, escolhido de forma arbitrária, como uma palavra que representa aquilo - aquele - aquela que se ama ou que se deseja.

- a. Os padrões comportamentais e de sentimentos são únicos, particulares para cada pessoa;
- b. As funções reforçadoras positivas e reforçadoras negativas (aversivas) são adquiridas e não são as mesmas para todos os membros da espécie, são específicas para cada um.
- c. Os padrões de comportamentos e sentimentos, bem como as funções reforçadoras positivas e aversivas dos eventos podem ser modificados.

As pessoas expostas aos procedimentos e contextos de condicionamentos operante e respondente se desenvolvem enclausuradas em si mesmas, alheias às consequências que seus comportamentos produzem no ambiente social e físico, a menos que tais consequências as atinjam de forma direta e imediata. Levam uma vida centrada em si mesmas! Serão, provavelmente, descritas como egoístas, impulsivas, dominadoras, calculistas, pragmáticas, sensoriais etc. Às vezes são humildes, inassertivas, submissas, generosas, cordatas, mas *não como opção* por uma forma construtiva de interagir com o outro, mas como uma maneira de evitar críticas, humilhações, censuras, castigos etc. Estas últimas não são pessoas com padrões comportamentais mantidos por reforço positivo, mas que se comportam por fuga-esquiva, comportamentos mantidos por reforçamento negativo.

Destaque-se que os dois primeiros níveis interagem entre si: o primeiro nível dá origem a *organismos* com padrões comportamentais denominados inatos (aqueles que ocorrem sem necessidade de experiências de aprendizagem) e com *potencialidade* para aquisição de novos comportamentos; o segundo nível se caracteriza pela atuação dos condicionamentos operante e respondente nas potencialidades do organismo, o que dá origem a padrões comportamentais e de sentimentos particulares próprios de cada um. Em conjunto, esses dois níveis permitem a sobrevivência, isto é, a seleção dos comportamentos da pessoa; não contribuem, necessariamente, para a aquisição e manutenção de padrões de comportamentos que produzem o desenvolvimento do grupo social.

Os gregos denominavam o nível de amor regido pelo segundo nível de seleção de *Philia*. Quando a interação é regida essencialmente pela *Philia*, uma *pessoa* se aproxima (ou se afasta) de outra *pessoa* sob influência tão somente do que aprendeu a gostar (ou a não gostar), sensível, exclusivamente, àquelas características do outro às quais foi ensinado a valorizar, a acolher, a gostar... a amar, enfim; ou a desvalorizar, a rejeitar, a desdenhar... a não amar, enfim! Nesta última alternativa a pessoa torna-se insensível àquelas características positivas do outro, as quais não aprendeu a notar. Assim sendo, o Amor inclui preferências e aversões aprendidas, resultantes da história de contingências de reforçamento de cada um. Conclui-se, então, que o nível ontogenético produz tantas formas de Amor quantas forem as pessoas.

A história ontogenética interage com a história filogenética, ampliando-a e transformando-a. Quando prevalecem as histórias onto e filogenética, prepondera o individualismo. Quando estes dois níveis de seleção regem a interação entre duas pessoas, pode-se dizer que prevalece um padrão de amor egoísta e individualista. Tal interação se caracteriza por uma disputa contínua entre controle e contracontrole e prevalecem sentimentos de ansiedade, alívio, opressão, submissão, desprezo, humilhação, raiva... todos basicamente de natureza aversiva. As duas pessoas podem se relacionar como amigas, mas não se trata de uma amizade genuína (a esta só se chegará quando estiver presente o terceiro nível de seleção, como se verá adiante). Aqui se quebra uma crença erroneamente difundida: a de que entre amigos não há desejo erótico. Se for amizade pura é verdade: o primeiro nível erótico não se manifesta e prevalecem interações regidas pelos segundo e terceiro níveis. Porém, a presença do erotismo turva a clareza dos sentimentos envolvidos: deseja-se o amigo! E o desejo tem a marca da opressão daquele que deseja e a submissão do desejado. Trata-se, isto sim, de sentimentos evocados por uma trégua nas interações de competição, caracterizando-se por um fenótipo de amizade. Podem, por outro lado, interagir como oponentes, situação em que os conflitos ficam explícitos, já que as preferências de uma pessoa se antagonizam com as da outra. Pode parecer surpreendente, mas o desejo erótico ocorre com frequência nas interações caracterizadas por oposição. A presença do erotismo pode levar as pessoas a concluírem que, apesar das diferenças, elas se amam. A interação entre elas seria melhor descrita como: “apesar das diferenças elas se desejam”. E o desejo erótico pode, na realidade, mimetizar o desejo de subjugar, oprimir o outro: ao realizar o desejo erótico a disputa não erótica (por poder, por exemplo) chega a um desfecho e há, em geral, um vencedor! Neste sentido o erotismo presente é vivenciado sob motivações nem sempre nobres, nem respeitadas. Ele se apresenta para submeter e humilhar o outro, para se proteger da perda do outro, para ter prazer etc., resultando dessa interação competição e episódios de opressão e de submissão.

Podem existir interações entre duas pessoas, regidas pelo segundo nível de seleção, sem erotismo. A este padrão de interação se dá o nome de amizade. No entanto, o sentimento de amizade pode ser regido por ganhos de um em detrimento do outro. Nesta condição, a amizade (o termo não é, portanto, apropriado) não apresenta os complementos que a qualificam, tais como: proteção recíproca, admiração, fraternidade, companheirismo etc. É uma amizade egoísta, individualista, opressiva. A interação, por outro lado, pode ser caracterizada por um processo de ganhos recíprocos<sup>13</sup>, os quais produzem instalação e manutenção de

---

<sup>13</sup> Esta alternativa não deve ser confundida com o terceiro nível de seleção, pois aqui ambos os participantes da interação têm *ganhos diretos* (produzem reforços positivos ou minimizam, eliminam ou evitam reforços negativos *para si e para o outro*) produzidos por seus comportamentos, o que é próprio do segundo nível. Acontece de os

comportamentos e sentimentos de cooperação e de bem querer e pode ser fonte de reforços positivos recíprocos e de estratégias conjuntas para emitir comportamentos de fuga-esquiva de eventos e condições adversas para ambos. Tal possibilidade de influências recíprocas benéficas para ambos pode ser descontinuada a partir do momento em que vier a prevalecer animosidade e competição. Essa é uma possibilidade. A outra é que a interação gere benefícios apenas para uma pessoa do par. Nessa condição a interação é episódica (descontinuada e não generalizada) e só ocorre quando a relação produz benefícios para o parceiro dominante. Fala-se, então, que o parceiro quis levar vantagem, é oportunista, aproveitador etc. A “amizade” (note as aspas) é intermitente: a aproximação ocorre apenas quando um dos dois necessita de algo que, para ser alcançado, precisa da mediação do outro. (Apenas para lembrar, comportamentos e sentimentos de amizade são instalados e mantidos por contingências de reforçamento; como tal, podem ser alterados numa direção construtiva ou adversa). A única maneira de limitar o desequilíbrio resultante da predominância do segundo nível de seleção é o desenvolvimento do terceiro nível, como se verá. Quando a interação se restringe ao segundo nível de seleção, o que se chama de Beleza (de alguém) é um dos produtos do condicionamento operante. É Belo aquilo que as contingências de reforçamento ensinaram a determinada pessoa que é Belo!

3. **Nível Cultural:** envolve comportamentos e sentimentos que são selecionados e têm como principal resultado a sobrevivência do grupo social. É neste nível que ocorrem inversões desejáveis nas funções dos eventos. Assim: é reforçador *para mim* o que reforça o *outro*, independentemente de ser originalmente reforçador ou aversivo para mim. É aversivo *para mim* o que é aversivo para o *outro*, independentemente de ser originalmente reforçador ou aversivo para mim. Não se trata de altruísmo, pois a pessoa que assim se comporta também tem ganhos para si mesma... Os padrões de comportamentos e sentimentos deste nível são produzidos por condicionamento operante de natureza socioverbal. É uma aquisição da comunidade socioverbal e contribui para a sobrevivência do grupo. O que diferencia o Homem, como ser dotado de características especiais, é a capacidade de criar contingências de reforçamento sociais – aquelas que Skinner atribui ao terceiro nível de seleção –, que o tornam sensível a todas e quaisquer outras pessoas. Tais contingências de reforçamento por ele criadas levam-no a adquirir comportamentos de valorizar, desenvolver, cuidar de, cooperar com, sofrer por outro ser humano. Ou seja, o que melhor define o Homem é sua capacidade para programar contingências de reforçamento que priorizam o bem estar do outro e, ao mesmo tempo, acentuam sua sensibilidade de se comportar sob influência delas.

---

reforços positivos e negativos serem os mesmos para ambos. No terceiro nível não há tal coincidência, necessariamente: meu comportamento produz reforço positivo para o outro e negativo para mim, por exemplo!

Os gregos denominavam o nível de amor regido pelo terceiro nível de seleção de *Ágape*. Quando a interação é regida essencialmente por *Ágape*, os sentimentos pelo outro influenciam o significado que este outro desperta e o respeito pelas características desse outro atinge seu apogeu. Pode-se concluir que a história de contingências de reforçamento cultural estabelece *limites* para os determinantes filo e ontogenéticos, uma vez que inclui e amplia, decididamente, a importância do *outro* na interação amorosa e, como tal, alça o Amor ao seu nível mais elevado. Quando o segundo nível de seleção se expressa sob a regência do terceiro nível, as influências operantes são poderosas para a instalação recíproca de comportamentos e sentimentos de cooperação e de bem querer; assim como as influências operantes para produzir reforços positivos recíprocos e para elaborar comportamentos de fuga-esquiva beneficiam a ambos. Quando prevalece o nível cultural sobre os níveis filo e ontogenéticos, fala-se em Compaixão, Caridade, Admiração, Amizade desprovida de qualquer interesse em ter benefícios às custas do outro, Companheirismo, Fraternidade, Cooperação... *Vai além de amar o outro como a si mesmo; é amar o outro mais do que a si mesmo!* Quando o nível cultural interage com o filogenético, o Amor erótico é pleno, satisfatório, respeitoso, porque os limites são acordados com compreensão; quando interage com o ontogenético, a Amizade não é maculada pela competição, pois o respeito ao outro dá limites ao individualismo e ao egoísmo. A interação entre os três níveis inclui, portanto, o Amor erótico (paixão), o Amor companheiro (amizade) e o Amor ao outro (benevolência, doação e entrega). Nessa composição o Amor alcança seu status mais elevado. Quando se restringe ao terceiro nível de seleção, o que se chama de Beleza (de alguém) é um dos produtos do amor ao próximo. É Belo aquele que amo, sem erotismo e sem preconceitos ou preferências; é Belo o outro ser humano<sup>14</sup>.

### Conclusão

O amor maduro se desenvolve sob a regência dos três níveis de seleção descritos, que interagem entre si e se influenciam reciprocamente numa espiral virtuosa. Trata-se, portanto, de uma construção socioverbal regida essencialmente pelas leis do comportamento operante e respondente. Assim, ser amado não é um direito; amar não é um dever, embora amar e ser amado sejam bons e façam bem! O Amor se define, então, pela composição interativa e harmoniosa entre Eros, Philia e *Ágape*. Dos outros, amamos os comportamentos. Pelos outros,

---

<sup>14</sup> Entenda-se que se ama do ser humano *seus comportamentos*... Todos os comportamentos? Não necessariamente, mas com certeza dando ao outro mais amor do que censura; mais acolhimento do que rejeição. E, em relação às suas limitações, ama-se o outro ajudando-o a superá-las... sem desistir!



somos amados, por nossos comportamentos. Tal é o caminho da utopia da felicidade: nos comportando!

## ATENÇÃO SOCIOAFETIVA E ATENÇÃO SOCIAL<sup>15</sup>

HÉLIO JOSÉ GUILHARDI

### Instituto de Terapia por Contingências de Reforçamento Campinas – SP

É comum argumentar, e até demonstrar cientificamente, que a atenção mantém e amplia repertório de comportamentos indesejados. A atenção, inclusive, tem função de reforço (generalizado, condicionado) positivo, quer seja expressa de uma forma acolhedora (sorrisos, elogios, toques físicos, aprovação, olhares, acenos de cabeça etc.), quer seja apresentada de forma recriminatória (repreensões verbais, reprovações, críticas, beliscões, toques bruscos, safanões, gritos, palavrões etc.).

Em seu trabalho clínico, o terapeuta encontra muitos exemplos de situações como as alinhavadas no parágrafo acima e, às vezes, é desafiado por algumas questões – como as duas que se seguem – por pessoas pouco familiarizadas com os conceitos e procedimentos comportamentais:

1. Se o comportamento indesejado produz atenção, por que ele não se enfraquece por saciação (da atenção que produz)?
2. Se a pessoa está carente de atenção, por que, ao recebê-la, a pessoa não passa a se sentir bem – afinal, conseguiu aquilo de que está privada – e a se relacionar de forma harmoniosa com seu ambiente socioafetivo?

Em primeiro lugar, atenção não é um reforço primário, como água, comida, sexo, calor etc., mas um reforço condicionado (aprendido, portanto) generalizado positivo. Atenção não é um comportamento único, mas uma classe ampla de comportamentos, tendo todos eles a função de reforço positivo, adquirida de maneira particular para cada indivíduo, a partir da história de contingências de reforçamento a que ele foi exposto. O termo “generalizado” informa que a função reforçadora da atenção foi adquirida por associação com inúmeros outros reforços e, como tal, sua função reforçadora não depende de nenhuma privação específica e individual. A pessoa, pode-se dizer, sempre estará privada de alguma classe de reforços e o reforço generalizado tem, portanto, garantida sua função durante todo o tempo. Um exemplo didático de tal reforço é o dinheiro: ele adquire a função de instrumento que permite acesso a um sem número de itens que têm função reforçadora para as pessoas. É raro encontrar alguém que se sinta saciado com o dinheiro que tem! Concluo, então, que as pessoas não se saciam quando produzem reforço positivo generalizado.

Em segundo lugar, a atenção é disponibilizada em diferentes esquemas de reforçamento intermitentes (razão e intervalo variáveis, na maioria das situações), o

---

<sup>15</sup> Maio/2013

que produz maior resistência à extinção e maior tolerância à frustração. O poder de esquemas intermitentes, de manter os comportamentos que produzem determinada consequência, em parte explica a manutenção dos padrões comportamentais, insensíveis à saciação (em particular quando a consequência não tem a propriedade de saciar...).

Um terceiro argumento nos dirige a uma avaliação do repertório comportamental mais amplo da pessoa. Em outras palavras, um indivíduo pode obter atenção emitindo comportamentos indesejados porque são esses comportamentos exatamente os que produzem atenção e, como tal, são os selecionados naquele determinado contexto social (o outro que libera a atenção é mais sensível a contingências aversivas; nota e reage a comportamentos que lhe são aversivos - se comporta por reforçamento negativo - e coloca em extinção comportamentos que não lhe são aversivos). Se o indivíduo tem repertório comportamental restrito, basicamente comportamentos indesejados que produzem atenção negativa, então sua possibilidade de se comportar se restringe às classes comportamentais indesejadas. Se, por outro lado, a pessoa tem repertório comportamental desejado, as possibilidades de apresentar variabilidade e substituir comportamento indesejado por desejado e, desta forma, produzir atenção, são imensas. Ou seja, as interações interpessoais podem se enriquecer (desde que o ambiente responda sob controle da emissão de comportamentos desejados) e se caracterizar por uma ampla gama de variabilidade comportamental em que se mesclam comportamentos desejados e indesejados, com predominância - deseja-se que assim seja - de padrões comportamentais desejados naquele dado grupo social. Em suma, quando a pessoa tem, em seu repertório comportamental, as duas classes de respostas, desejadas e indesejadas, a atenção pode vir a privilegiar a ocorrência de comportamentos desejados. Alguém poderá perguntar: mesmo quando *inicialmente* a atenção é dada contingente a comportamento indesejado? A resposta é sim, embora possa parecer, à primeira vista, um efeito paradoxal. A atenção, neste caso, pode adquirir a função de  $S^D$ , ou seja, ocasião em que, caso as respostas adequadas sejam emitidas, então serão conseqüenciadas por atenção. Pode, adicionalmente, produzir um estado corporal de bem-estar, que assume a função de operação motivacional, a qual aumenta a probabilidade de emissão da classe de comportamentos desejados. Finalmente, a atenção pode gerar, naquele que se comporta "mal", sentimentos de culpa em relação ao outro que libera o reforço generalizado, e esta contingência de reforçamento complexa evoca comportamento de fuga-esquiva, qual seja, respostas desejadas.

Em quarto lugar, gostaria de fazer uma distinção entre atenção com amor (atenção socioafetiva) e atenção sem amor (atenção social). Os termos entre parênteses são arbitrários e são propostos com a finalidade de destacar que a atenção presente numa interação social pode ser desprovida de afeto. Quando determinado comportamento (mesmo aquele denominado indesejado) produz atenção socioafetiva, ocorrem dois fenômenos comportamentais produzidos pelo reforço positivo generalizado carregado de afeto: fortalecimento do comportamento que o

produz e sentimentos de bem-estar, de tranquilidade, de satisfação, de felicidade etc. A pessoa inundada por tais sentimentos relaxa e diminui (ainda que temporariamente) a emissão de comportamentos que poderiam ser rotulados de agitação, de atividade (ou hiperatividade). É como se houvesse uma saciação de atenção... Ao mesmo tempo, aumenta a probabilidade de emissão de comportamentos desejados, que se expressam na forma de quietude (menor agitação), cooperação, delicadeza etc. Disto tudo resulta – num ambiente social diferencialmente sensível às duas diferentes classes comportamentais – uma maior probabilidade de reforçamento de comportamentos desejados (e, concomitantemente, extinção de comportamentos indesejados), os quais, se forem fortalecidos, resultarão em enfraquecimento na emissão dos indesejados, por incompatibilidade funcional.

O mesmo não acontece quando a atenção é apenas social. Ocorre fortalecimento da classe de comportamentos que a produz, mas os sentimentos gerados são de alívio, não de bem-estar, não de satisfação, não de tranquilidade... Como tal, comportamentos da classe dos indesejados continuam sendo emitidos, aumenta a variabilidade comportamental dentro desta classe de respostas (ocorrem agitação e hiperatividade) e os sentimentos de alívio são alternados com sentimento de ansiedade, insegurança, além de a carência afetiva não se esvaír. A atenção social não supre o afeto! Há menor probabilidade de emissão de comportamentos desejados, mesmo que façam parte do repertório da pessoa (o ambiente não disponibiliza S<sup>D</sup>s que os evoquem) e surgem padrões de comportamento de antagonismo, rebeldia etc. Uma metáfora facilitará a compreensão do exposto. O reforço generalizado positivo exclusivamente social equivale ao uso de um adoçante dietético. Adoça, mas não alimenta. A atenção socioafetiva é como o açúcar: adoça e nutre.